

**AValiaÇÃO E LEITURA:  
PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E SUA INFLUÊNCIA  
SOBRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM  
DE LÍNGUA PORTUGUESA<sup>1</sup>**

*Silvio Ribeiro da Silva (UFG)*  
[shivonda@gmail.com](mailto:shivonda@gmail.com)

**RESUMO**

A temática desta atividade girará em torno das questões referentes ao processo de ensino e aprendizagem de leitura e interpretação de textos escritos na Educação Básica e de como a avaliação interfere neste processo, contribuindo ou não para a formação de leitores proficientes. Dessa forma, serão discutidas as formas de exploração do texto com objetivo de chegar à sua compreensão através da construção do sentido, enfatizando os desafios que o professor tem perante si no momento de propor atividades de ler e interpretar textos, usando como precursor para as discussões o conceito de leitura e letramento. Serão o alvo desta discussão, também, as variadas formas de avaliação e a influência que estas exercem sobre o ato de ler. Os dados que farão parte da amostragem são oriundos de pesquisa PIBIC/CNPq em que o objetivo foi detectar até que ponto o livro didático de português instrumentaliza os alunos da educação básica para que se apropriem das habilidades e competências mensuradas pela Prova Brasil, objetivando colaborar com o bom desempenho dos alunos na avaliação.

**Palavras-chave:** Leitura. Interpretação de textos. Construção do sentido. Avaliação

**1. Introdução**

Não muito raro, ouve-se falar sobre a importância da leitura e sobre a necessidade de se cultivá-la. O lugar onde a leitura se faz mais presente, talvez por obrigação, é a escola, a mais importante agência de letramento. Por isso, segundo Zilberman (1991, p. 11), há uma grande afix

---

<sup>1</sup> Apoio FAPEG.

nidade entre escola e leitura que se mostra “a partir da circunstância de que é por intermédio da ação da primeira que o indivíduo se habilita à segunda”.

É na escola, também, que a leitura do indivíduo é avaliada. A avaliação, apesar de se fazer presente em todos os domínios da atividade humana, é a principal ferramenta utilizada pelo professor para gerir o processo de ensino e aprendizagem. Este processo deve ser mediado pelas concepções que o professor tem de leitura e avaliação, pois estas definirão o modo como suas aulas serão organizadas.

No ensino de língua portuguesa, devem ser oportunizadas ao aluno atividades com as quais ele possa desenvolver práticas de leitura e perceber o papel interativo que desempenham com o texto. Saber língua portuguesa não é saber sua estrutura ou o seu funcionamento apenas, nem é saber analisá-la gramaticalmente. Saber a língua significa saber se movimentar dentro dela. Segundo Carvalho (1997), a língua é como uma armadura dentro da qual nos movimentamos no dia a dia da interação humana. O uso adequado da língua nos permite o exercício amplo e correto da cidadania. Para Mac & Welti (1995), saber uma língua é ter conhecimento completo de como dizer, a quem dizer, quando e onde dizer.

Quando a escola não ensina o aluno a usar a língua de forma adequada, ela falha muito, porque acaba formando autômatos ao invés de pessoas capazes de se movimentar dentro do sistema linguístico no qual estão vivendo.

Uma das formas de se fazer com que o aluno seja capaz de se manifestar dentro do sistema é através da leitura. Segundo Moita Lopes (1996), a leitura é um modo específico de interação entre participantes discursivos, envolvidos na construção social do significado: a leitura é uma prática social. Sendo uma prática social, é a leitura que vai permitir ao aluno a interação com os outros, participando e discutindo todos os acontecimentos que estão a sua volta.

Nesse sentido, quando se trata do trabalho com a leitura em sala de aula, o professor acaba por assumir um importante papel no desenvolvimento das capacidades de leitura de seus alunos, pois é ele quem media o processo de ensino e aprendizagem e pode, ao avaliar o desempenho dos aprendizes, buscar metodologias que direcionem a atividade de leitura no sentido de ser ela uma das responsáveis pela interação do aluno com o mundo. A leitura deveria ser vista sob o aspecto social, não se es-

quecendo de que a ela é também peça fundamental para que um aluno desenvolva de maneira mais eficiente a escrita.

Ler e escrever são atividades que se completam. Os bons leitores têm grandes chances de escrever bem, já que a leitura fornece matéria-prima para a escrita. Quem lê mais tem um vocabulário mais rico e compreende melhor a estrutura gramatical e as normas ortográficas da língua.

A leitura deve ser entendida como atividade de vital importância em uma aula de língua portuguesa e de qualquer outra área. Saber ler é tão importante que tal ato ajuda muito o aluno a entender outras áreas com as quais convive na escola.

Para Freire (2011), a escola desconhece que o ato de ler precede a leitura da palavra. A escola não se lembra de que o aluno já sabe fazer diversas leituras quando chega lá. Ela se esquece de que o aluno chega com muitos conhecimentos, mas ele não sabe utilizá-los.

Partindo destes princípios, neste texto, propomos uma discussão sobre a leitura na aula de português e como esta prática pode ser avaliada pelo professor. A relevância desta questão está no fato de que a avaliação feita pelo professor é um importante instrumento de mediação do processo de ensino e aprendizagem de leitura e o modo como é executada pode influenciar diretamente na formação dos alunos como leitores. Como ponto de partida para nossas considerações, tomaremos como exemplos atividades de leitura, que serão analisadas com base nas concepções de leitura e avaliação. Dessa forma, podemos discutir que tipo de trabalho com a leitura essas atividades suscitam em sala de aula e como podem colaborar para o desenvolvimento das capacidades de leitura e dos letramentos do aluno.

## **2. A leitura e o ato de ler escolar**

O trabalho com atividades de leitura envolve várias etapas. Ler um texto é uma atividade que consiste em compreendê-lo, interpretá-lo, não apenas decodificar seus sinais. O conhecimento anterior e as experiências passadas funcionam como base para a compreensão da leitura. Isto porque muito antes de as crianças dominarem o ato da leitura elas já têm experiências com o mundo e com a língua.

O dever da escola então é fazer com que o aluno aprenda o que não sabe. Ler o mundo ele já sabe. O que precisa aprender é a ler a pala-

vra, mas não a palavra isolada. Segundo Bakhtin (1997), a palavra constitui o produto da interação do locutor e do ouvinte. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A escola deve então ensinar ao aluno a forma adequada de usar a palavra, uma vez que ela pode transformá-lo, dar uma nova dimensão à sua consciência, o que acaba por possibilitar-lhe uma reflexão sobre a sua realidade e a maneira de agir sobre ela.

Ler faz com que o aluno esteja presente no mundo social. A leitura é uma forma de interação mediada entre o que está escrito e os interlocutores que não se encontram face a face. A leitura pode ser uma fonte de informação, prazer, conhecimento. Ela dá acesso às informações necessárias para o dia a dia e aos mundos criados pela literatura, pelas ciências. O professor deve ser capaz de mostrar aos alunos que eles são agentes da leitura, são sujeitos ativos.

Mas o que acontece é que as atividades de leitura não são desenvolvidas na escola. E quando são costumam acontecer de uma forma inadequada. O material que é entregue para que o professor trabalhe com os alunos é feito com base em uma concepção de linguagem que não privilegia a interação na maioria das vezes. Os textos costumam ser usados como pretexto para o ensino gramatical e treino ortográfico. Assim, parece que o que se quer é fazer com que o leitor se fixe ao sistema gramatical da língua, entendido como lugar da constituição formal do texto legítimo.

Também são encontradas nesse tipo de material perguntas conhecidas sobre a compreensão do texto lido, através das quais o leitor é levado a reconhecer, localizar ou selecionar informações para respondê-las, desenvolvendo um tipo de letramento escolar que não é o que colabora com os letramentos críticos e protagonistas (ROJO, 2009).

As estratégias cognitivistas de leitura crucificam a leitura feita assim, tida apenas como decodificadora. Propõem modelos interacionais nos quais o autor e o leitor devem construir juntos o sentido do texto. Comparando tal atividade de interação com a linguagem falada, Kleiman (2013, p. 66) diz:

O autor, que segura a palavra, por assim dizer, por um turno extenso, como num monólogo, deve ser informativo, claro e relevante. Ele deve deixar suficientes pistas em seu texto a fim de possibilitar ao leitor a reconstrução do caminho que ele percorreu. (...) Já o leitor deve acreditar que o autor tem algo relevante a dizer no texto, e que o dirá clara e coerentemente. Quando obscuridades e inconsistências aparecem, o leitor deverá tentar resolvê-los, apelando

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ao seu conhecimento prévio de mundo, linguístico, textual, devido a essa convicção de que deve fazer parte da atividade de leitura de que o conjunto de palavras discretas forma um texto coerente, isto é, uma unidade que faz com que as partes se encaixem umas nas outras para fazer um todo.

Segundo afirma Kleiman, o leitor, da mesma forma que o autor, parece já ter constituído um sentido para aquilo que seria o texto. Assim, o texto deve ter pistas, deixadas pelo autor, que sejam suficientes para que o leitor reconstrua aquilo que se quis dizer.

Mas isso não é o suficiente para que um texto seja entendido e interpretado por um leitor. A posição de leitor, o movimento sobre o texto e o sentido atribuído àquilo que se lê está determinado antes de tudo por um processo histórico e pelas condições de produção. O texto é feito como possuindo um grande aparato social. Ele é feito através de uma grande quantidade de formações ideológicas, sociais e até mesmo imaginárias. Tais formações acabam por designar o lugar discursivo através do qual um sujeito acaba sendo levado a atribuir sentido a si mesmo e ao outro.

O texto precisa de legibilidade para que seja entendido. Segundo Kleiman (1996), a legibilidade de um texto, num sentido amplo, tem a ver com a sua estruturação, tanto no desenvolvimento quanto na apresentação de relações, para permitir ao leitor seguir, avaliar.

O sujeito e os sentidos são atravessados pelas formações ideológicas, sociais e imaginárias. Tais formações determinam as possibilidades do dizer e, portanto, o sentido daquilo que seria um texto legível e daquilo que poderia ser dito sobre ele.

O processo cognitivo de leitura mostra que há uma relação direta entre o sujeito leitor e o texto enquanto objeto; também existe relação entre a linguagem escrita e a compreensão, entre a memória, inferência e pensamento. A interpretação acontece quando o leitor consegue decodificar os sinais gráficos e usar o conhecimento armazenado na memória sendo capaz então de interagir com o autor e elaborar outros textos a partir de um primeiro.

Numa concepção interativa de leitura, o autor dá pistas ao leitor e este, através dos esquemas que possui, é capaz de criticar as visões, as pistas dadas; e é esse o bom leitor. O significado do texto é construído pelos vários outros significados criados pelos sujeitos envolvidos na interação.

O texto então não traz todos os seus significados. É o leitor quem vai construí-los quando interage com ele. Segundo afirma Brággio (2005, p. 43),

A leitura torna-se vista como um ato construtivo, onde todos os leitores elaboram sobre as ideias selecionadas de um texto, construindo um significado para ele. Portanto, a construção do significado é concebida como um produto da interação entre o leitor e o texto.

É importante ressaltar a presença do autor na atividade de interpretação de um texto por um leitor. Ao escrever, o autor acaba deixando transparecer seus próprios valores, conceitos, experiências e até mesmo os esquemas que possui. O texto acaba sendo influenciado pelas características específicas e pessoais de quem o escreveu de forma que isso virá a refletir o que o autor é e o que está tentando comunicar num dado momento sócio histórico.

Acreditamos que deve haver uma espécie de contrato, de cumplidade entre o autor e o leitor. Aquele cria situações de significado, estrutura, forma; este constrói o significado real no ato de interpretar feito durante a leitura.

### 3. *E o professor? Onde entra?*

O trabalho do professor em uma aula de leitura é ser um mediador entre o texto e o aluno. Ele não deve orientar as atividades de leitura de forma a fazer com que sejam oriundas do texto para o leitor, ou do leitor para o texto. Se assim fizer, transforma o ato de ler em uma atividade inócua e sem fundamento.

Os textos a usar na aula são naturalmente marcados ideologicamente e essas marcas ideológicas não terão que ser disfarçadas pelo professor, escondidas ou ignoradas em nome da imparcialidade utópica. O professor terá que assumir a presença delas e apresentá-las ao aluno, demonstrando o funcionamento ideológico dos vários tipos de discurso, sensibilizando o aluno à força ilocutória presente em cada texto, tornando-o consciente de que a linguagem é uma forma de atuar, de influenciar, de intervir no comportamento alheio, que os outros atuam sobre nós usando-a e que, igualmente, cada um de nós pode usá-la para atuar sobre os outros.

A atividade de leitura em sala de aula deve ser vista como um acontecimento em que haja um relacionamento entre o leitor e o texto.

Esse acontecimento deve ocorrer sob circunstâncias específicas, num contexto social e cultural também específico como sendo uma parte da vida do indivíduo e do grupo a que o leitor pertence. A compreensão de um texto depende das corretas relações que há entre o leitor e o autor no momento em que a leitura do texto está sendo feita.

A atividade com a leitura deve, nas palavras de Brággio (2005, p. 69),

Ser vista dentro de uma matriz pessoal, social, histórica e cultural, pois não somente o que o leitor traz para a transação de sua experiência passada de vida e de linguagem, mas também as circunstâncias socialmente moldadas e propósito da leitura, dão a contextualização para o ato de simbolização.

O professor deve fazer com que a atividade de leitura transforme o aluno em um sujeito atuante, participativo, construtor do significado daquilo que lê. A prática da leitura em sala de aula costuma ser um pouco desvinculada daquilo a que a verdadeira atividade de leitura se refere, isto é, o ato de interação e participação social.

Nesse sentido, faz-se necessário que o professor se porte como mediador da produção do conhecimento em suas aulas e utilize as atividades de leitura de modo que estas funcionem como um instrumento facilitador para o seu trabalho de intermediador do processo de ensino e aprendizagem. Assim, mesmo que as atividades não suscitem por si um trabalho com a leitura que faça com que os alunos se portem como seres autônomos diante do texto lido, o professor pode transformá-las em uma eficiente ferramenta para as aulas de leitura.

É melhor que haja em sala de aula atividades de leitura pouco eficientes, porém um professor bem preparado que possa utilizá-las de forma eficaz, favorecendo os letramentos de aluno, do que atividades de leitura bem elaboradas em uma aula de português cujo professor não saiba aproveitá-las. Partindo desse pressuposto, apresentamos, a seguir, atividades que promovem diversos tipos de trabalho com a leitura que vão, desde a simples decodificação, até à apreciação e réplica por parte do leitor.

Antes de dar início às nossas considerações, é necessário deixar claro que não temos como intenção apresentar receitas de como atividades de leitura devem ser utilizadas em sala de aula. Porém, acreditamos que a discussão proposta neste texto possa contribuir para elucidar o trabalho dos professores com a avaliação da aprendizagem de leitura, uma vez que grande parte dos estudos que abordam este tema se restringe a

atacar o trabalho do professor, apontando vários problemas em sua prática, sem sugestão de como este trabalho deve, de fato, ser executado.

Começamos nossos comentários acerca das atividades de leitura e do trabalho que suscitam em sala de aula, apresentando um exemplo de exercício que se refere ao texto “Manifesto futurista”, produzido pelo italiano Filippo Marinetti, publicado no jornal parisiense “Le Figaro”, em 1909. O texto de Marinetti foi organizado em forma de itens enumerados de 1 a 11. Estes itens apresentam o que o autor considera como ações importantes a serem tomadas pelos italianos para que estes possam se modernizar como sociedade.

No momento em que o texto foi publicado, a Itália ainda era pouco industrializada e pouco desenvolvida economicamente. Com o manifesto, Marinetti pretendia ajudar a levar o país à modernidade. Identifique, no item 11, elementos da modernidade que Marinetti gostaria de ver estabelecida na Itália.

Resposta: estaleiros, luz elétrica, fumaça, pontes, navios, trens, aviões...

A atividade pede ao aluno que este identifique quais elementos da modernidade o autor considera importantes para o desenvolvimento da sociedade italiana. Ao aluno, portanto, cabe a função de voltar ao texto, localizar e copiar as informações pedidas. Nada, além dessa simples cópia, é feito com as informações pedidas.

Quando atividades como estas funcionam como avaliação, exigem do aluno apenas que ele identifique informações já pré-determinadas. Estas devem ser localizadas e copiadas em local apropriado e cabe ao professor conferir se tudo o que foi pedido está ali. Se sim, boa nota, boa “avaliação”, bom aluno. Se não, nota ruim, má “avaliação” e um aluno que não aprende, não se esforça e, por isso, deve ser reprovado, pois não tem condições de acompanhar a turma. Parece simples, mas não é.

Este tipo de atividade faz parte do processo de ensino e aprendizagem de leitura, constituindo-se numa atividade voltada ao desenvolvimento e/ou ampliação de um letramento escolar. Mas, sozinho, descontextualizado, sem a mediação do professor, não exerce a sua função de estimular a proficiência em leitura dos alunos. Atividades de decodificação devem funcionar como o degrau para que o aluno alcance o que pregam outras concepções de leitura. Enfim, deve-se decodificar, mas não parar por aí. O resultado da decodificação deve ser utilizado como instrumento para compreensão e, por fim, objetivando o processo de apreciação e réplica.

Dessa forma, atividades de leitura, que estimulam apenas o trabalho com a decodificação, devem ser trabalhadas em sala de aula com o auxílio do professor, pois este pode propor aos seus alunos outros questionamentos além daqueles que podem ser resolvidos com a simples cópia de informações do texto.

Com esta atividade, seria possível levantar questões acerca da concepção de modernidade de Marinetti, sobre os possíveis impactos dos objetos considerados “modernos” pelo autor do texto. Ainda é possível (e recomendado) que o professor proponha aos alunos que estes contraponham a concepção de modernidade do autor às suas próprias ideias do que seria, de fato, moderno na sociedade em que vivem. Dessa forma, os alunos utilizam seu conhecimento de mundo para produzir textos a partir das informações extraídas do texto lido. O conteúdo decodificado não serviria mais apenas para ser copiado a fim de se conseguir uma nota, mas para a ser o ponto de partida para a criação de vários outros enunciados inéditos produzidos pelos alunos que, agora, deixaram de lado a posição de sujeitos passivos e passaram a se tornar indivíduos ativos e atuantes no processo de construção do conhecimento.

O próximo exemplo que apresentamos é uma atividade que utiliza como referência o poema “Exortação”, escrito pelo poeta Maurício Gomes, que integrou o movimento “Vamos descobrir Angola”, nos anos 1950.

Releia estes versos finais do poema:

“Uma poesia nossa, nossa, nossa!

– cântico, reza, salmo, sinfonia,

que uma vez cantada,

rezada,

escutada,

faça toda gente sentir

faça toda gente dizer:

– É poesia de Angola!”

a) O que justifica a repetição da palavra nossa no 1º verso desse fragmento?

**Resposta:** Há a intenção de reforçar a ideia da identidade cultural angolana, ou seja, poesia angolana seria a expressão cultural do povo angolano.

Esta atividade reproduz em seu enunciado um trecho do texto original que será trabalhado descontextualizado, a fim de fazer com que o aluno atribua significado a determinadas expressões. Neste caso, a atividade questiona o efeito de sentido causado pela repetição do vocábulo “nossa”, no primeiro verso da última estrofe do poema.

Este é um tipo de atividade cuja compreensão é a capacidade que mais se destaca. O aluno deve, sim, decodificar a mensagem proposta pelo emissor, porém, esta não está totalmente explícita. A atividade colabora no sentido de estimular o aluno a produzir significados, os quais não aparecem com a pura decodificação. Não basta saber o sentido do pronome possessivo da primeira pessoa do plural, é necessário entender qual é a função de sua repetição no texto. Para isso, o aluno deve utilizar seus conhecimentos prévios e uni-los às informações apresentadas pelo texto para que possa, assim, compreender os significados propostos pelo autor.

É possível perceber, também, que, sem a mediação do professor, esta atividade tem como foco apenas a leitura enquanto processo de compreensão de significados. Ao aluno cabe apenas a função de compreender os efeitos de sentido produzidos pelo texto. Não se produzem outros textos a partir das informações compreendidas. A voz do leitor não é considerada. Por isso, não se pode afirmar que esta atividade tenha como foco apreciação e réplica por parte do leitor, uma vez que seu foco é apenas a compreensão de informações presentes no texto.

Para que a leitura do aluno não se restrinja à compreensão das informações propostas pelo texto lido, o professor pode mediar este processo apresentando outros textos em que a repetição de palavras produza significados específicos. Será possível perceber, então, que cada repetição de palavras é motivada por intenções específicas do autor. Pode-se discutir, também, que nem sempre esta repetição é produtiva. Assim, cabe aos alunos, conhecendo várias possibilidades de uso deste recurso que a língua oferece, decidir quando usá-lo em seus próprios textos.

Continuamos nossas considerações acerca das atividades de leitura, comentando um exemplo de atividade que usa como referência um trecho do prefácio que o escritor português, José Saramago, fez para o livro “Terra”, de Sebastião Salgado.

José Saramago conclui seu texto afirmando: “Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar

ser complicada demais para o entendimento rude do povo”.

(...)

b) Na sua opinião, o povo é capaz de compreender a história do mundo? Por quê?

**Resposta:** Resposta pessoal. Sugestão – Sim, pois o povo sente na pele os efeitos das injustiças sociais históricas: miséria, fome...

No texto utilizado como referência para a atividade, José Saramago comenta que, apesar do que muitas pessoas afirmam, a história do mundo pode ser, sim, compreendida pelo povo, que talvez não tenha tanta instrução. Nesse sentido, a atividade propõe que os alunos se envolvam e expressem sua opinião, dizendo se concordam ou não com a afirmação de Saramago, tendo o favorecimento de seus letramentos críticos e protagonistas.

Traçamos, a seguir, o caminho pelo qual um aluno percorreria ao se dispor a responder esta atividade. Primeiro, faz-se necessário decodificar o texto, bem como o enunciado da atividade. Sem decodificação não há leitura. Porém, reiteramos que aquela, por si, também não se caracteriza como esta. Por isso, em seguida, é preciso que se utilize do conhecimento prévio acerca do que é compreender a história do mundo. Por fim, deve-se posicionar sobre o que a atividade questiona. Não há uma única resposta esperada. A voz de cada aluno é ouvida e, portanto, várias respostas podem surgir para o mesmo questionamento. Há opinião. Há autonomia dos alunos em defender aquilo em que eles acreditam.

Dessa forma, atividades como esta contribuem para que a leitura deixe de ser uma prática passiva e passe a ser um exercício dinâmico, interativo, por meio do qual o conhecimento é criado com a participação dos alunos. Dessa forma, a leitura torna-se, de fato, útil e significativa para os leitores.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRÁGGIO, S. L. B. *Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

CARVALHO, C. *Para compreender Saussure*. Petrópolis: Vozes, 2011.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2011.

KLEIMAN, Â. *Texto e leitor*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2013.

\_\_\_\_\_. *Leitura: ensino e pesquisa*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1996.

MAC, M. I. de G. de; WELTI, M. C. R. de. *La organización textual: los conectores. Su aplicación en el aula*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1995.

MOITA LOPES, L. P. Interdisciplinaridade e intertextualidade: leitura como prática social. In: *Anais do 3º Seminário da Sociedade Internacional de Português e Língua Estrangeira*. UFF, Niterói, 1996.

ROJO, R. H. R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

ZILBERMAN, R. A leitura na escola. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.